



Adolescentes e sexualidade

Viviane Duarte Rocha

Brasília – 2000.

Centro Universitário de Brasília – UniCeub

Faculdade de Ciências da Saúde – FCS

Licenciatura em Ciências Biológicas

Adolescentes e sexualidade

Viviane Duarte Rocha

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília com parte dos requisitos para a obtenção do grau de licenciado em Ciências Biológicas.

Prof. Orientador: Marcelo X.A. Bizerril

Co-orientadora: Magda V.C.B. Silva

Brasília – 2000.

Dedico a todos os alunos do Centro de Ensino Fundamental 01 do Planalto, que contribuíram direta e indiretamente para o desenvolvimento desse trabalho. Ao professor Marcelo X.A.Bizerril pelo apoio, incentivo e profissionalismo demonstrados ao longo do curso e da monografia e à professora Magda V.C.B. Silva pelo carinho e atenção dispensados a mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela vida, educação e apoio em todas as fases e decisões da minha vida. Aos mestres, pela orientação, confiança na minha capacidade e incentivo a continuação dos meus caminhos. A minha irmã, por compartilhar e ajudar em diversas ocasiões. A Deus, por sempre estar junto a mim e ter criado o universo e a VIDA, objeto da minha profissão, dos meus estudos, da minha admiração e paixão, e que abriga diversos mistérios a serem desvendados.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de um estudo de caso realizado para avaliar o conhecimento dos adolescentes escolares do Ensino Fundamental da rede pública do bairro da Vila Planalto, Brasília, sobre alguns temas típicos da sexualidade como, a origem das informações sobre o tema, a menstruação, a virgindade e a relação sexual. O trabalho constituiu-se em três etapas: inicialmente foi feita uma sondagem entre os alunos da escola sobre o tema de maior necessidade de esclarecimentos entre eles. Após a escolha do tema – sexualidade – elaborou-se e realizou-se um questionário aberto sobre o tema. Na terceira etapa, foi realizada a “categorização” das respostas e a análise dos dados. Os resultados, obtidos em uma amostra de 208 estudantes, demonstraram que, apesar de um nível de conhecimento razoável sobre os assuntos em questão, permanecem conceitos e atitudes errôneas que necessitam de reavaliação e orientação. Isso representa um reflexo de todo o processo educacional a que os jovens são submetidos. Este, não se restringe ao ambiente escolar, mas a todas as influências e experiências adquiridas no convívio social do indivíduo, como a família, a escola, os shoppings, os clubes, entre outros.

ÍNDICE

1. Introdução	1
2. Metodologia	
2.1. Caracterização do Público	5
2.2. Procedimento	6
3. Resultados	8
4. Discussão	11
5. Conclusões	17
6. Bibliografia	18
7. Anexos	
Anexo 1: Objetivos gerais dos PCN para o trabalho de Orientação Sexual	20
Anexo 2: Mapa de Orientação da Vila Planalto	21
Anexo 3: Questionário aplicado	22

1. INTRODUÇÃO

Quando se pensa no tema **sexualidade** para uma discussão, logo percebe-se um breve desinteresse pois, de maneira geral, as pessoas imaginam que se trata de um assunto muito abordado, óbvio e esgotado. Entretanto, ao realizar uma pesquisa sobre o tema em questão, descobre-se que aquilo que parecia estabelecer um consenso, é na verdade um ampla “galeria” de opiniões.

Segundo a definição do Dicionário Dinâmico Ilustrado, “sexualidade é o conjunto de todos os caracteres fisiológicos e morfológicos, internos ou externos, que os indivíduos apresentam, conforme o sexo a que pertencem”. Sendo assim, pode-se concluir que a sexualidade inicia-se no momento da concepção do indivíduo, em que a união das informações genéticas do pai com as da mãe, já definem o gênero(sexo) do novo ser. Outros aspectos, como a influência das relações sociais, são considerados na definição de sexualidade. Nos textos do resumo do I Congresso Nacional - Saúde do adolescente, a sexualidade é definida como a capacidade psicofisiológica de excitação sexual e existe desde a infância. Docherty (1989) aborda a sexualidade como sendo a combinação de nosso sexo, masculino ou feminino, com nossos interesses e comportamentos sexuais. Ela representa a parte de nossa personalidade que tem a ver com sexo, e torna-se evidente em nossos relacionamentos com outras pessoas. Se, observando-se por uma perspectiva, o sexo é a expressão biológica que define uma gama de características anatômicas e fisiológicas, a sexualidade pode ser compreendida como uma expressão cultural.

Assim sendo, o “afloramento” desse sentimento, e o desenvolvimento dos caracteres morfológicos e fisiológicos, surgem (ou intensificam-se) no período da **puberdade**, que coincide (na maioria das sociedades) com o da **adolescência**.

Segundo Outeiral (1994), a **puberdade** é um processo biológico que inicia entre 9 e 14 anos e caracteriza-se pelo surgimento de uma atividade hormonal que desencadeia os chamados “caracteres sexuais secundários”, enquanto que a **adolescência** trata-se de um fenômeno psicológico e social, e cada indivíduo apresentará diferenças e peculiaridades, conforme o ambiente social, econômico e cultural em que se desenvolve.

Sendo assim, a sexualidade passa a assumir o primeiro plano na vida e no comportamento dos adolescentes, devido à explosão hormonal que ocorre na puberdade.

Por não se tratar de um problema individual, e sim de uma gama de influências extrínsecas ao indivíduo, as questões da sexualidade devem ser trabalhadas com seriedade e com naturalidade através de um trabalho integrado, principalmente entre a família e a escola. Esses são os ambientes em que os indivíduos estabelecem a maior parte dos contatos, trocam informações, sofrem influências e vivenciam o processo de formação da sua personalidade. Todas as pessoas com quem esses indivíduos convivem (outras crianças, jovens, adultos, meios de comunicação...), ao expressarem sua sexualidade, estão transmitindo idéias, tabus, preconceitos e estereótipos que se incorporam à sexualidade de cada um.

Dessa forma, as transformações que acontecem no âmbito físico e psicológico das crianças/jovens, não devem passar despercebidas, “soltas”, sem um acompanhamento psicopedagógico adequado, capaz de oferecer um suporte para o desenvolvimento da criança, de forma que ela não adquira traumas e possa ser capaz de separar os mitos e os tabus que a cercam da realidade em que vive.

As manifestações da sexualidade se evidenciam em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são respostas comuns dadas por profissionais da escola, por pensarem que esse é um assunto para ser tratado apenas pela família. Esta última, sente-se muitas vezes desconfortável, pouco à vontade em tocar nos assuntos inerentes à temática, sem perceber que o seu próprio comportamento na sua relação com os filhos, nas diversas recomendações, nas expressões, gestos e até das proibições que estabelecem estão carregados dos valores associados à sexualidade que os filhos estão adquirindo.

A importância dos pais no processo de construção da sexualidade dos seus filhos inicia-se com os primeiros contatos da mãe com o seu filho, que faz despertar a primeira sensação de prazer. Essas primeiras experiências sensuais constituirão o início da vida mental/psíquica do indivíduo. Em seguida, já na infância (**fase Edipiana**), na maioria dos casos, a criança passa a admirar e a se identificar com o pai, no caso dos meninos, e com a mãe, no caso das meninas. Ocorre então a superação do complexo de Édipo. A **fase da Identificação** irá efetivar-se na adolescência. “A tradição freudiana dá ênfase à imagem do impulso sexual como sendo uma necessidade biológica, que procura se expressar apesar das regras inventadas para controlá-las por meio da cultura e da civilização.” (Highwater, 1992). A sexualidade então, vai sendo arquitetada a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura.

O afastamento, o julgamento das atitudes das crianças, movido pelos valores e crenças de cada família com relação à busca do prazer, começa a ser definido no momento em que as crianças começam os seus primeiros movimentos exploratórios na região genital e os jogos sexuais com outras crianças. Para a maioria das famílias, fica difícil enfrentar esse lado da criança, já que a idéia de pureza e de inocência, tão ligadas a crianças, começa a ser destruída pelas manifestações da sexualidade infantil.

“A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade” (Brasil, 1998).

Segundo Suplicy (1994), o número de revistas e programas acerca da “obrigação” dos pais de dar uma orientação sexual aos filhos fez com que a maioria deles se tornasse consciente dessa responsabilidade e, ao mesmo tempo, gerou uma preocupação, pois poucos pais se sentem preparados para exercer essa tarefa.

A crescente liberalização dos costumes, propiciada pela exposição dos jovens a imagens sexuais cada vez mais e mais explícitas, transmitidas por todos os meios de comunicação, principalmente a televisão, é agravada pelo despreparo dos pais em lidar com os novos padrões sexuais dos seus filhos e pela inadequação do modelo educacional em fornecer aos adolescentes informações corretas sobre a sua sexualidade.

O tempo de permanência dos jovens no ambiente escolar (pelo menos 5 horas diárias) e as diversas oportunidades de intercâmbio de experiências, de informações, exercício do convívio social, além da iminente probabilidade de relacionamentos amorosos, fazem da escola um local muito propício para a abordagem da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e do planejamento familiar, não devendo haver espaço para a omissão da relevância social, ética e cultural dessas questões.

“A Orientação Sexual, entretanto, não é sentar e dar uma aula sobre anatomia ou fazer um discurso sobre os perigos do sexo.”(Suplicy, 1994). Ela já ocorre desde o momento em que a criança nasce. São as ações que o indivíduo presencia ou em que é sujeito (a maior parte delas indiretas) que determinarão a vivência, tanto psíquica, quanto prática da sua sexualidade e a percepção da sexualidade em geral.

Dessa forma, o trabalho de Orientação Sexual nas escolas deve procurar incluir também a família, podendo ser utilizado como uma estratégia para a prevenção de graves problemas como a gravidez indesejada, as doenças sexualmente transmissíveis e

o abuso sexual, além de discutir questões polêmicas e delicadas como a iniciação sexual, a masturbação, “ficar”¹ e namorar, sem ignorar o contexto sócio-cultural, os sentimentos, as crenças e os valores. Os educadores detêm uma tarefa informativa e formativa, que deve transmitir à criança informações biológicas corretas sobre sexualidade, ao mesmo tempo em que acentua o conceito de sexo ligado ao bonito, ao afeto, ao respeito mútuo, à responsabilidade e ao prazer.

Segundo os PCN, a proposta da Orientação Sexual procura considerar todas as dimensões da sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural, além de suas implicações políticas. Dessa forma, não é papel da escola julgar a educação que cada família fornece, mas sim, abrir espaço para a discussão da pluralidade e trabalhar o respeito às diferenças. *(Ver no Anexo 1, os Objetivos Gerais da Orientação Sexual, segundo os PCN's).*

É necessário que a Orientação Sexual aborde a sexualidade dentro de um enfoque sociocultural, amplie a visão de mundo dos estudantes e o oriente, de forma a aprofundar e a refletir sobre seus próprios valores.

Esse trabalho foi realizado com o objetivo de analisar o conhecimento de adolescentes acerca da sexualidade, de forma a enfatizar o fundamental papel da família, da escola e da sociedade na construção do conhecimento e estabelecer uma análise crítica das relações da sociedade atual, procurando abordar e discutir as falhas das partes envolvidas nesse processo.

¹ Segundo Tiba (1994), é o namoro corporal sem compromisso social no qual os jovens se tocam, se mexem, se beijam à vontade, sendo que os toques ficam mais íntimos à medida em que a menina permite.

2. METODOLOGIA

2.1. Caracterização do Público

O público pesquisado constitui o corpo discente de 5ª a 7ª série (matutino) do ensino fundamental do Centro de Ensino Fundamental nº1 do Planalto, escola pública da Fundação Educacional do Distrito Federal, situado na Vila Planalto, bairro da cidade de Brasília – DF, que fica localizado atrás da Esplanada dos Ministérios e a frente do Setor de Clubes Sul, do Palácios do Jaburu (residência do Vice-Presidente da República) e do Palácio da Alvorada (residência do Presidente da República). *(Ver a localização da Vila Planalto no mapa do DF apresentado no anexo 2).*

Na escola da Vila Planalto, a clientela predominante é a de alunos carentes que apresentam problemas de pré-requisitos de conteúdos e ausência de acompanhamento familiar na vida escolar dos filhos. Em sua maioria, os alunos são provenientes de famílias de baixa renda que sobrevivem com um salário mínimo, mas que freqüentam clubes de elite (como por exemplo a Academia de Tênis), em que trabalham como boleiros. O fato de freqüentarem bons clubes, faz com que esses alunos conheçam uma realidade diferente da que vivem.

As famílias que possuem uma melhor renda, podendo arcar com as despesas de transporte, colocam seus filhos para estudarem em escolas públicas da Asa Norte ou da Asa Sul (bairros que abrigam pessoas de maior poder aquisitivo).

As atividades de lazer se restringem às “peladas” nos campos dos acampamentos ou à pescaria no Lago Paranoá. São raros os alunos que freqüentam cinemas, sendo que bem próximo à Vila Planalto existe um complexo cultural – Píer 21- que possui diversas salas de projeção de filmes. Mesmo sem recursos para comprar os ingressos, muitos freqüentam shows de pagode e de música baiana de artistas famosos ou mesmo de colegas que têm bandas de música. Culturalmente, dentro da Vila Planalto pouco é realizado. Em termos de esportes, destaca-se a prática da capoeira, pois há diversos espaços destinados à sua aprendizagem.

Há apenas **uma** biblioteca dentro da Vila Planalto, a do Centro de Ensino nº1 do Planalto (única escola da região), mas o seu acervo é bastante limitado. Por isso, para realizar suas pesquisas e trabalhos escolares, alguns alunos se dirigem à biblioteca do Senado Federal ou à de outras escolas públicas da Asa Norte ou da Asa Sul.

Há, na comunidade, um órgão ligado à Secretaria de Serviço Social, o COSE, que ministra cursos profissionalizantes (artesanato, serigrafia, auxiliar de escritório, tipografia...). Após o curso, alguns alunos conseguem vagas para realizar um estágio que pode se prolongar até o aluno completar 18 anos, desde que este esteja freqüentando a escola e não reprove de ano. Entretanto, a fiscalização desses requisitos não é muito eficiente, o que acaba por não representar uma forma de estímulo para o aluno.

Muitos alunos se limitam a completar apenas o Ensino Fundamental (antigo 1º grau), pois logo cedo começam a trabalhar para complementar a renda familiar, ou simplesmente não têm interesse em dar continuidade aos estudos.

Segundo relatos de professores, a Escola da Vila Planalto funciona como um laboratório da UnB (Universidade de Brasília), em que alunos e professores de diversos cursos da universidade, todos os anos começam novos trabalhos e teses sobre a Vila Planalto, mas não há um acompanhamento constante, uma manutenção dos projetos pois, ao atingirem seus objetivos (cumprir carga horária para formatura, apresentar projeto para a instituição...), a comunidade da Vila é novamente esquecida.

2.2. Procedimento

Foi aplicado um questionário escrito e com perguntas abertas, a **208** alunos, sendo 65 de 5ª série, 70 de 6ª série e 73 de 7ª séries do ensino fundamental. O questionário foi respondido individualmente no período de 50 minutos.

Segundo Richardson (1989), o questionário é uma entrevista estruturada que tem por objetivo descrever características e medir determinadas variáveis de um grupo social. Um questionário aberto, pode apresentar para o pesquisador, dificuldades na classificação e na codificação das informações principalmente se o entrevistador não estiver familiarizado com o vocabulário, costumes e condições de vida dos entrevistados.

Apesar dessas dificuldades, optei pela aplicação do questionário aberto pelo fato de ser professora dos alunos entrevistados, conhecer bem cada uma deles e portanto conseguir interpretar aquilo que eles escrevem. De acordo com Boruchovitch & Schall (1999), embora questões fechadas propiciem uma análise mais rápida e confiável dos dados, elas podem gerar um menor número de informações válidas para o pesquisador, quando comparadas com as questões abertas.

Dessa forma, a utilização desse método permite um maior número de informações significativas pois, ao responder livremente às questões abertas, os estudantes me permitem uma análise mais profunda de suas opiniões.

As questões foram formuladas de maneira que permitisse identificar **quais** eram as informações que eles detinham sobre alguns assuntos específicos como: virgindade, menstruação e relação sexual. (*Ver questionário no anexo 3*).

3. RESULTADOS

A distribuição etária possui uma variância normal, em que os extremos (11 anos e 18 anos) têm um menor número de indivíduos, como mostra a *Tabela 1*.

Tabela 1. *Distribuição do número de estudantes pela idade*

Idade (anos)	N.º de indivíduos entrevistados	Frequência (%)
11	17	8
12	37	18
13	47	23
14	45	22
15	28	13
16	20	10
17	12	6
18	4	2

Com relação à origem das informações dos entrevistados, apesar da grande maioria ter afirmado que não tinha liberdade e abertura suficientes para conversar com seus pais, 34% dos entrevistados declararam que obtinham as informações sobre sexualidade com seus pais, sendo seguidos das informações obtidas através de revistas/livros, amigos e escola. Deve-se observar que o que eles citam como conhecimento adquirido na escola, diz respeito ao *corpo docente*. É importante ressaltar que na categoria **amigos**, grande parte do intercâmbio de informações com esses colegas é feito no ambiente escolar. Porém, na categoria **escola**, considere troca de informações com professores. As diversas fontes nas quais os adolescentes buscam informações, estão listadas na Tabela 2.

Algumas das respostas dos estudantes puderam ser enquadradas em mais de uma categoria. Dessa forma, *o número de ocorrências e as análises percentuais estão listados em função do número de respostas obtidos e não em função do número de entrevistados*.

Tabela 2. Respostas dos alunos a respeito da fonte onde eles obtinham informações

Fontes	N.º de ocorrências	Frequência (%)
Pai/Mãe	97	34
Amigos	50	17
Revistas/Livros	49	17
Escola	44	15
Sozinho	21	7
TV/Vídeos	17	6
Ginecologista	3	1
Não respondeu/Não sabia	4	1
Total	286	100

Na maioria (45%) das respostas acerca do que eles achavam ser menstruação, os entrevistados escreveram que era um sangue, um fluido ou um líquido que escorria pela vagina. Poucos porém (4%), relacionaram esse fato com o motivo pelo qual ele ocorre (a descamação do endométrio, devido a não fertilização do óvulo pelo espermatozóide). Um número razoável dos entrevistados, associou a menstruação como sendo resultado da penetração do pênis na vagina, e também como sendo equivalente ao período fértil, sendo que as duas últimas causam uma grande preocupação, uma vez que um conceito equivocado como esse pode levar a uma gravidez não desejada. As demais categorias podem ser analisadas na Tabela 3.

Tabela 3. Tipos de respostas dos alunos em relação ao que eles entendem por “Menstruação”

Conceitos de menstruação	N.º de respostas	Frequência (%)
É um sangue/fluido/líquido	94	45
É o corpo se desenvolvendo	50	24
É indicação de período fértil	20	10
É algo que acontece todo mês	11	5
É a descamação da parede do útero	9	4
Resultado da penetração do pênis na vagina	6	3
É eliminação de sujeira	2	1
Não respondeu	15	7
Total	208	100

Para todas as perguntas, houve uma diversidade de respostas, e, como não poderia de deixar de ser, para o item virgindade, a variedade também ocorreu (Tabela 4). Algumas das respostas revelam aspectos culturais/religiosos fortes (como por exemplo a que diz ser virgem uma pessoa “pura e/ou intocada”). A que teve o maior número de respostas, é a que define, com maior precisão, o termo em questão.

Tabela 4. Tipos de respostas dos alunos em relação ao que eles entendem por “virgindade”

Resposta	N.º de ocorrências	Frequência (%)
Pessoa que nunca teve relação sexual	165	85
Pessoa que nunca beijou na boca	9	5
Pessoa “pura/intocada”	9	5
Pessoa sem preparo para uma relação sexual	3	2
Pessoa que nunca fez sexo oral	1	1
Pessoa que nunca namorou	1	1
Não respondeu	6	3
Total	194	100

Apesar de 84% das respostas para Relação Sexual remeterem à “definição correta”, diversas discussões podem ser iniciadas ao comparar a Tabela 4 com a Tabela 5, que lista as respostas sobre o que é Relação sexual.

Tabela 5. Tipos de respostas dos alunos em relação ao que eles entendem por “Relação Sexual”

Respostas	N.º de ocorrências	Porcentagem (%)
Transar/Sexo/Fazer amor/Ir para a cama	86	40
Contato entre pessoas/Tocar partes íntimas	32	15
É um gesto de amor entre pessoas que se gostam	31	14
É a penetração do pênis na vagina	26	12
É ter prazer	21	10
Pessoas preparadas para terem filhos	7	4
É uma coisa natural	2	1
Não respondeu	9	4
Total	215	100

4. DISCUSSÃO

No questionário aplicado aos entrevistados, foi perguntado se eles tinham irmãos e, posteriormente, se tinham liberdade de diálogo com eles. Essas perguntas foram inseridas no questionário, com o intuito de se inferir se fatores como a presença de irmãos mais velhos e liberdade de diálogo com os pais, seriam variáveis capazes de influenciar o nível de informação dos adolescentes.

Entretanto, a hipótese de que a presença de uma irmão(ã) mais velho(a) contribuiria para as informações dos alunos, foi descartada devido ao fato de que a maioria dos entrevistados têm irmãos **muito** mais velhos (diferença de faixa etária de até 35 anos); irmãos que trabalham fora, passando pouco tempo juntos, ou que são de sexos opostos aos seus, o que faz com que eles não se sintam à vontade para conversar. Além disso, os vínculos familiares da comunidade não são muito fortes, o que contribui para o distanciamento em termos de comunicação.

As relações entre os adolescentes e a família começam a tornar-se tensas, a partir do momento em que, na puberdade, as alterações hormonais podem gerar estados de excitação difíceis de serem controlados. Intensifica-se a exploração da atração e das descobertas sexuais. As relações sexuais nesse período têm características exploratórias e de preparo para a genitalidade adulta; os atos são compulsivos e a falta de maturidade impede a previsão das possibilidades de engravidar, de se contaminar. Para “piorar” a situação, a sensualidade e a malícia tornam-se presentes, cada vez mais cedo, no vestuário, no comportamento, nas danças, nas músicas. Tudo isso também é resultado da superexposição aos meios de divulgação.

O ambiente atual é favorável à massificação do sexo (devido à superexploração do sexo, do corpo e da sexualidade, em especial, pela mídia), principalmente por parte dos jovens e, nessa fase, a descoberta do sexo pode ser grave, devido à falta de informação. Essa falta de informação leva os adolescentes a fazerem sexo sem qualquer tipo de prevenção, o que pode resultar, entre outras coisas, em uma gravidez indesejada. A gravidez na adolescência causa problemas emocionais, riscos de saúde para a jovem mãe, além do problema financeiro. “As gestações que se desenvolvem em mulheres nos extremos da vida reprodutiva são considerados de alto risco, devido à maior ocorrência de complicações sobre o binômio materno-fetal. As complicações da gravidez, parto e puerpério estão entre as dez principais causas de óbito de adolescentes (6º lugar, junto com as doenças do aparelho respiratório).” (Velho *et alli*,2000).

Apesar disso, os índices de gravidez entre adolescentes tem aumentado e, segundo dados de panfleto (Ministério da Saúde, 2000),

- ✓ 18% das adolescentes de 15 a 19 anos já ficaram grávidas alguma vez;
- ✓ 1 em 3 mulheres de 19 anos já são mães ou estão grávidas do primeiro filho;
- ✓ 1 em 10 mulheres de 15 a 19 anos já tem 2 filhos;
- ✓ 49,1% destes filhos foram indesejados;
- ✓ 20% das adolescentes residentes na zona rural têm, pelo menos, um filho;
- ✓ 13% das adolescentes residentes na área urbana têm, pelo menos, um filho;
- ✓ 54% das adolescentes sem escolaridade já ficaram grávidas;

Os dados são alarmantes, principalmente se compararmos o antepenúltimo e o penúltimo item. A diferença percentual é pequena entre as zonas rural e urbana mas, se ponderarmos o fato de que, na zona rural, as moças casam-se bem mais jovens e não têm muito acesso à informações de contracepção, a ocorrência da gravidez na adolescência na zona urbana mostra-se mais preocupante.

Diversas mudanças vão ocorrendo nos adolescentes, tanto física quanto psicologicamente, e os pais, que no início do processo mantiveram-se omissos, por ignorância, vergonha ou até mesmo pelo receio de que, ao conversar sobre sexo e sexualidade com seus filhos, estariam **induzindo-os** a uma procura antecipada, à promiscuidade e/ou à desintegração moral, percebem que não podem mais contribuir para a formação desses jovens, e deixam tudo a cargo da escola ou do próprio destino. Muitos adultos acham perigoso conversar, porque acreditam que isso poderia despertar o adolescente precocemente e levá-lo a iniciar sua vida sexual mais cedo.

Ocorre que, a informação, principalmente aquela bem estruturada e bem fundamentada, pode **cessar** muitas das curiosidades, o que poderia evitar que esse jovem experimente “só para saber o que é e como é”. Isso parece ser válido tanto para a orientação sexual quanto para orientação sobre drogas (que foi o 2º tema mais votado entre os alunos na sondagem prévia dos assuntos que eles consideravam mais relevantes para ser trabalhados).

Todos os entrevistados que disseram obter informações de seus pais, **também** indicaram outras fontes, complementando as respostas com frases como:

- *“O que minha mãe me ensinou não foi suficiente. Aprendi sozinha, me descobrindo aos poucos.”*
- *“O meu pai sempre me falava alguma coisa, mas eu já sabia de muitas.”*
- *Aprendi com a minha mãe, mas os nomes científicos eu aprendi na escola”.*

A omissão dos adultos (tanto na família quanto na escola), induz os jovens a procurarem saídas para saciar as suas ânsias por conhecimento. A saída encontradas por eles é o consumo de material pornográfico (principalmente pelos meninos), revistas (sendo que as mais citadas foram *Carícia, Querida e Ana Maria*), filmes, conversas com os colegas mais velhos ou experientes do grupo. O problema é que esses colegas, geralmente (apesar da vivência prática) são tão inexperientes quanto eles. Dessa forma, esses indivíduos já tão carentes de informações de seus pais e de seus professores, quase sempre recebem dessas fontes “alternativas”, uma mistura de verdades, meias verdades e até mentiras, que necessitarão de uma averiguação na vivência diária da realidade.

A informação fornecida na caracterização do público (página 5) de que a família era pouco presente no convívio social dos adolescentes, é confirmada na análise dos dados da Tabela 2. O fato de que a maioria dos entrevistados disseram obter informações com seus pais – 34% - não revela uma boa participação desses na construção do conhecimento dos jovens. Pelo contrário, ela indica que **menos da metade** deles tinham como uma das fontes de informação os pais. Para um tema em que, a família é essencial para a formação e consolidação de opiniões, tem-se um grande problema sendo formado.

Em uma primeira leitura das respostas, tem-se a impressão de que eles, de modo geral, estão bem informados com relação ao tema proposto. Entretanto, em uma análise mais minuciosa, percebe-se que as respostas eram muito amplas, como por exemplo: *“relação sexual é transar”*. O mesmo “mascaramento” dos resultados foi obtido por Benvegnú *et alli* (2000) que, em sua pesquisa com estudantes percebeu que eles detinham um conhecimento razoável sobre as formas de se prevenir ou adquirir o HIV e, paradoxalmente, demonstraram um comportamento sexual de risco.

Percebi que a grande maioria respondia de maneira vaga, pela dificuldade em escrever aquilo que achavam ser e por não saberem realmente o que era. Tinham receio de que escrever a “verdade” seria algo pouco apropriado para se dizer a um professor. Além disso, foi comum encontrar respostas do tipo: *“ não sei falar mas, você sabe né?”*

Essa postura do **você sabe** é que permeia o circuito de amizades deles, o meio familiar, a escola. Ora!! Quem não sabe o que é menstruação, virgindade ou relação sexual? Tudo isso é falado o tempo inteiro por nossos pais, tios, professores, na televisão. Entretanto, vivemos em uma sociedade que exalta o erotismo através de uma liberdade aparente em relação à sexualidade. Isso tem permitido aos jovens uma maior possibilidade de contatos sexuais. Entretanto, as inibições pessoais, os tabus e os

preconceitos sociais permanecem. O sentimento de culpa, de pecado, de que é proibido, feio e sujo, ainda é transmitido, resultando em mentalidades estreitas e pouco abertas às discussões e argumentações.

É normal na adolescência um sentimento de “falta de identidade”. Durante a puberdade, o adolescente vive a perda de seu corpo infantil e passa a ter que enfrentar um corpo que vai se transformando em adulto, o qual ele teme, desconhece e deseja ao mesmo tempo. Conflitos psicológicos com relação ao seu papel social agravam os sentimentos de *quem sou eu? qual a minha função? para que sirvo?* pois já não são mais crianças entretanto, também não pertencem ao mundo dos adultos. Tudo isso contribui para atitudes “rebeldes” e irresponsáveis, principalmente se os pais não impuserem limites e responsabilidades desde cedo.

Vários fatores contribuem para a realização de atos que podem prejudicar os relacionamentos familiares, amorosos e sociais, fazendo com que o jovem entre de forma abrupta e indesejável no mundo adulto (como exemplo, uma gravidez indesejada). Dentre esses fatores, pode-se citar:

1. Confusão sobre a função do jovem na estrutura social;
2. Mudanças abruptas no corpo e na mente;
3. Falta de apoio psicológico e psicopedagógico;
4. Desconhecimento e dificuldade de comunicação.

Muitas das respostas em relação à menstruação são vagas. Outras são equivocadas, como a idéia de que o período fértil equívale ao período menstrual. Essa idéia pode constituir uma das causas da gravidez indesejada pois, ao pensar dessa forma, para não engravidar, basta manter relações sexuais fora do período da menstruação. Fazendo dessa forma, a probabilidade de ocorrer uma gravidez é altíssima, já que esse espaço de tempo considerado seguro por um adolescente que tem essa concepção, pode coincidir com o período fértil da menina.

A falsa impressão de que os jovens estão bem informados sobre os temas sugeridos, ocorre também nas perguntas sobre **virgindade** e sobre **relação sexual**. A maioria das respostas condiz com uma concepção correta do termo. Baseado nas informações das *Tabelas 4 e 5*, constata-se que, embora 85% das respostas sobre virgindade tenha sido *uma pessoa que nunca teve relações sexuais*, as concepções acerca do que vem a ser uma relação sexual variam muito. Além disso, a maior parte das respostas foram (como na análise das respostas sobre menstruação) demasiadamente amplas e inconsistentes, pois não esclarecem aquilo que foi questionado.

É possível perceber, através das respostas de que *virgem é uma pessoa que ainda não está preparada para uma relação sexual, que nunca beijou na boca ou que é “pura”*, a postura tradicional na construção dos valores desses jovens. Aliado a isso, percebe-se a idealização, uma “fuga” do que a realidade oferece. Estão, de modo geral, aguardando um parceiro idealizado. Isso constitui uma postura bastante romântica entre os entrevistados. Eles aparentemente são avançados e podem rotular determinados atos de outros colegas como “*careta*” mas, ao mesmo tempo, esperam uma pessoa ideal para ter um relacionamento mais duradouro.

A problemática do padrões de beleza começa a surgir e/ou se evidenciar nesse momento pois, ao se pensar em um parceiro ideal para um relacionamento, eles acabam por procurar também uma pessoa fisicamente “perfeita”, igual ao seu ídolo, seu “ícone” televisivo. Para muitos adolescentes, isso é bastante complicado pois, está aparecendo justamente no momento em que ele se sente mais confuso com relação ao seu corpo (devido às alterações hormonais), em que mais se compara com os colegas e com os famosos, e pode marcá-lo com conflitos e complexos que levará para a sua vida adulta.

A experimentação sexual acaba ocorrendo, também, devido à imaturidade e à volatilidade emocional, típicos da adolescência. Vários jovens (principalmente as meninas) acabam “achando” que encontraram a pessoa ideal para esse ato e depois não conseguem suportar as frustrações afetivas, o fracasso do relacionamento e as pressões sociais e familiares. Dessa forma, o ato sexual, que deveria ser uma decisão tomada após uma séria reflexão sobre as suas implicações, pode passar a ser uma cópia do que o adolescente vê, e não do que ele sente.

A televisão, sem dúvida, é um forte agente formador de opinião. Seguindo as tendências dos seus personagens favoritos, os jovens são conduzidos a mundos que, muitas vezes, não condizem com aquele arquitetado desde a sua infância nas relações familiares e então, os conflitos familiares vão surgindo.

Essa mesma televisão, que serve de “espelho” para a grande maioria dos jovens, constrói a imagem de que os jovens só vivem e agem em função do sexo, de que eles não têm ética, amizade ou lealdade, que a maioria dos jovens não é promíscua, mas livre sexualmente sem, entretanto, diferenciar esses dois pólos. O adolescente, que já vem cheio de dúvidas acerca da própria imagem, da personalidade, das posturas que deve tomar, entre outros, acaba se debatendo com mais um conflito.

A iniciação sexual é reprimida pelos pais para as meninas (esta deve evitar ficar mal-falada, deve encontrar um bom casamento) enquanto que para os meninos ela é

incentivada, ainda devido aos resquícios de prova da virilidade. Essa postura machista, aparentemente ultrapassada, ainda existe e é muito forte e é mais um fator que se soma às inúmeras confusões do adolescente.

Zagury (1997), em sua pesquisa com adolescentes de 14 a 18 anos, observou que apesar de todas as posturas “avançadas”, como por exemplo o “ficar”, (criado para saciar o desejo da experimentação na busca do prazer com um parceiro, estando entretanto, desvinculados do compromisso entre ambos), os adolescentes prezam a fidelidade e o namoro e distinguem “namorar de ficar”.

Aliado a isso, as respostas apresentadas na Tabela 5 mostram que os jovens continuam tendo uma postura bem romântica para relacionamentos, principalmente na questão da relação sexual, em que muitos deles definiram como sendo um contato mais íntimo entre duas pessoas que se gostam, ou um gesto de amor e carinho.

Cabe à família e à escola, direcionar todos esses adolescentes, fornecendo subsídios para que, cada um tenha capacidade de tomar suas decisões e ter responsabilidades, baseados nos julgamentos que ele próprio fez acerca do que é certo ou errado. Essa responsabilidade e consciência sobre os atos, deve ser construída por todos os professores e familiares pois, a capacidade de discernimento e de julgamento é exigida em tudo o que uma pessoa faz.

5. Conclusões

Os adolescentes entrevistados demonstraram um bom padrão de conhecimento sobre algumas questões típicas de sua sexualidade, como a relação sexual e a virgindade. O mesmo não ocorreu com o conceito de menstruação, em que a resposta mais encontrada foi muito ampla e não conclusiva. Aparecem alguns conceitos errôneos acerca dos itens citados, como a menstruação sendo o resultado da penetração do pênis na vagina ou como sendo a indicação de período fértil.

A família, a escola e as diversas contribuições do meio para o indivíduo, são extremamente importantes e determinantes para a formação de um indivíduo e para a compreensão dos eventos vivenciados por ele, especialmente na fase mais decisiva de sua vida: a puberdade. E essa não constitui eventos isolados. Isso porque não existe processo exclusivamente biológico, a vivência e as próprias transformações do corpo sempre são acompanhadas de significados sociais.

O trabalho contínuo e integrado da família com a escola deve, na medida do possível, ser assistido por profissionais especializados. Todos os envolvidos não devem cair no erro de oferecer a Orientação Sexual como uma aula de anatomia mas, atentar para os aspectos sociais e culturais envolvidos.

No âmbito escolar, o trabalho deve ser realizado por todo o corpo docente, e deve ser contínuo. Trabalhos de um único dia não resolvem, e esses são os mais realizados, resultando até mesmo em relatos de que a escola funcionava como um *laboratório da Nb*, que inicia diversos projetos e não dão continuidade a nenhum deles.

Os PCN surgem com uma proposta bem interessante, que pode, a longo prazo, resolver muitas das questões de sexualidade. Entretanto, para os educadores compreenderem **como** colocar em prática as competências e habilidades determinados, levará, também, muito tempo pois, muita teoria acerca da orientação sexual é dita e pouco acerca da prática se sabe. Intensos trabalhos ainda devem ser feitos junto aos educadores, para que esses, consigam elaborar os melhores procedimentos para se alcançar as competências e habilidades almejadas.

6. BIBLIOGRAFIA

- BENVEGNÚ, L.A., BREITENBACH, F., COPETTE, F.R., SANTOS, R.P., PASQUALOTTO, A.C., MINUZZI, R.S. 2000. *HIV, Adolescentes e Sexualidade* Jornal Brasileiro de Medicina. 70(2): 82-86.
- BRASIL. Academia Nacional de Medicina. 1991. *I Congresso Nacional - A saúde do Adolescente*. Rio de Janeiro, 588p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. 1998. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF. 436p.
- BRASIL. Secretaria de Estado da Saúde. 1988. *Adolescência e saúde/Comissão de saúde do adolescente*. Paris Editorial, São Paulo.
- BORUCHOVITCH, E. & SCHALL, V.T. 1999 *Questionnaires in health education research. Advantages and disadvantages of open-ended questions. Implications for health research methodology*. Ciência e Cultura Journal of the Brazilian Association for the Advancement of Science, Volume 51(1): 12-15.
- DICIONÁRIO DINÂMICO ILUSTRADO. 1978. Editora Egéria. São Paulo, volume 3.
- DOCHERTY, Dr.J. 1989. *Growing up: um guia para crianças e seus pais*. Editora Científica Nacional, Rio de Janeiro.
- HIGHWATER, J, 1992. *Mito e Sexualidade*. 1ªed. Editora Saraiva. São Paulo. Tradução de João Alves dos Santos.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000. *Saúde da Mulher – Orientações – GRAVIDEZ*. Brasília.
- OUTEIRAL, J.O. 1994. *Adolescer – Estudos sobre adolescência*. Artes médicas, Porto Alegre.

RICHARDSON, R.J. *et alli*, 1989. *Pesquisa Social, Métodos e técnicas*. 2ª ed. Editora Atlas S.A São Paulo.

SUPLICY, M. 1994. *Conversando sobre sexo*. 19ª ed. Edição da Autora. Distribuição: Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ.

TIBA, Içami. 1994. *Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações*. 11ª ed. Editora Gente. São Paulo.

VELHO, M.T.C., FERNANDES, J.S., AHMAD, N.R., DOMINGUES, L.X. & PACAGNAN, A.V. 2000. *Gravidez na Adolescência: Aspectos Obstétricos*. *Jornal Brasileiro de Medicina*. 79(2): 40-41.

ZAGURY, T. 1997. *O adolescente por ele mesmo*. 9ª ed. Editora Record. Rio de Janeiro.

7. ANEXOS

Anexo 1

Objetivos gerais dos PCN's para o trabalho de Orientação Sexual

- Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano;
- Compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana;
- Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
- Identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos;
- Reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;
- Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos dos outros;
- Reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir prazer numa relação a dois;
- Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- Agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS;
- Conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da AIDS;
- Evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;
- Consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade.

Anexo 3

Questionário aplicado

1. Qual a sua idade?
2. Seu pai, sua mãe e/ou seu responsável trabalham fora?
3. Você mora com seus pais?
4. Tem irmãos? Quantos? Qual a idade deles?
5. Você tem liberdade (ou se sente à vontade) para conversar com seus pais, irmãos e/ou outros parentes sobre qualquer assunto?
6. As informações que você tem sobre sexo e sobre o seu corpo, você aprendeu com quem?
7. O que é menstruação?
8. O que é virgindade?
9. O que é uma relação sexual?